

# Papa: Dívida externa cria problema para a paz

CIDADE DO VATICANO — “Todos nós constituímos uma única família humana”. Este foi o tema central que inspirou o discurso do Papa João Paulo II sobre o XX Dia Internacional da Paz, a 1º de janeiro próximo, e ontem divulgado antecipadamente pelo Vaticano. No texto, de 20 páginas, sob o título “Desenvolvimento e solidariedade: Duas chaves para a paz”, o Pontífice menciona uma série de problemas críticos para a paz, entre outros a questão da dívida externa dos países em desenvolvimento.

A mensagem está dirigida a todos os Chefes de Estado e de Governo, aos dirigentes de diversas confissões religiosas aos jovens e também “aos que praticam a violência e o terrorismo”, sendo que a estes últimos o Papa faz um apelo no sentido de que deixem de recorrer à força para obtenção de suas metas, “mesmo se forem justas”.

No documento, o Papa afirma que “celebrar a paz em meio às dificulda-

des em que se vive atualmente é uma proclamação da confiança na humanidade”. E entre as situações críticas cita “o persistente problema da dívida externa dos países em desenvolvimento, que poderia ser visto com novos olhos, se todas as partes interessadas incluíssem, de modo responsável, as considerações éticas na avaliação dos fatos e das propostas de solução.” E o Papa sublinha:

“Muitos aspectos desse problema, como o protecionismo, os preços das matérias primas, as prioridades nos investimentos, o respeito às obrigações contraídas, assim como a consideração à situação interna dos países em dívida, poderiam se beneficiar da busca solidária daquelas soluções que movem um desenvolvimento estável.”

Depois de recordar a “Populorum Progressio”, a Encíclica de Paulo VI na qual se afirma que “o desenvolvimento é o novo nome da paz”, João

Paulo II diz que “não pode haver paz quando há homens, mulheres e crianças que não podem viver segundo as exigências da plena dignidade humana”.

João Paulo II pergunta: “Pode existir paz duradoura em um mundo onde imperam relações sociais, econômicas e políticas que favorecem a um grupo ou a um país à custa de outro? Pode estabelecer-se uma paz genuína sem o reconhecimento efetivo da sublime verdade de que todos são iguais em dignidade?”

“Podemos e devemos trabalhar juntos para fazer progredir o bem comum, mas temos que fazer ainda mais: precisamos adotar uma atitude firme diante da humanidade e com respeito aos laços que nos unem com cada pessoa e com cada grupo, no mundo. Dessa maneira, podemos começar a ver como o compromisso de solidariedade com toda a família humana é uma chave para a paz.”

Assinalando a necessidade de um desenvolvimento mais equilibrado

dos povos, o Pontífice dirige especial atenção à liberdade real de quem recebe algum auxílio, condenando os projetos governamentais de ajuda que “virtualmente obrigam as comunidades e os países a aceitarem programas anticoncepcionais, ou práticas abortivas como preço para seu crescimento econômico. Há que dizer muito claramente que tais ofertas violam a solidariedade da família humana, pois negam os valores de dignidade e liberdade da pessoa”.

Entre diversos outros assuntos, o Papa abordou o problema das leis discriminatórias e fechamento de fronteiras devido à xenofobia, do ódio racial e intolerância religiosa, e da brecha entre países com e sem tecnologia atualizada. O Papa também condenou a corrida armamentista, e relacionou o problema da liberdade dos povos com o de sua segurança, com as tensões Leste-Oeste e as diferenças econômicas Norte-Sul.